



## TEORIA E ENSINO DE HISTÓRIA: RELEXÕES E APROXIMAÇÕES

Autora: Juliana Nascimento de Almeida<sup>1</sup>.

Coautores: Fabricia Evellyn Araújo Medeiros<sup>2</sup>; Juliana Karol de Oliveira Falcão<sup>3</sup>

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Auricélia Lopes Pereira<sup>4</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir algumas aproximações inerentes ao Ensino de História e a teoria histórica, tendo em vista que, qualquer prática em sala de aula nasce de uma concepção teórica. Discutir teoria, prática e possibilidades de ensino, as quais possam desenvolver desde os primeiros anos do ensino fundamental a desconstrução da linearidade histórica imposta nos livros didáticos e relacionar com a realidade dos alunos, tem sido um dos grandes desafios dos professores da atualidade. Deste modo, propomos por meio deste artigo, uma breve aproximação dos alunos com a produção do fazer histórico, desvendar para estes o caminho da produção histórica a fim de fazê-los refletir que a História não é um conhecimento pronto e acabado. Visando tal perspectiva, o filme *Narradores de Javé*, possibilita a discursão sobre a produção e as fontes históricas. Iremos também discutir o filme enquanto uma linguagem de ensino cabível. Para fundamentar esta discussão nossa maior base é o livro organizado por Leandro Karnal *História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas*, uma coletânea que une vários autores que trabalham tanto a questão teórica quanto estão vinculados à prática de ensino nas universidades e nas escolas de ensino básico.

Palavras chaves: Ensino de História. Concepções teóricas. Possibilidades de ensino.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>2</sup> Graduanda do departamento de História Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBIC/UEPB.

<sup>3</sup> Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>4</sup> Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID/CAPES.



## INTRODUÇÃO

Ao focar o olhar para as questões que envolvem as possibilidades para o Ensino de História, não podemos deixar de lado as articulações entre o ensino de história e o conhecimento teórico adquirido nos cursos de graduação. Ver-se sempre presente nos discursos de alunos que iniciam o curso de licenciatura em História que as noções lhe foram ensinadas durante o ensino básico foram completamente modificadas e desconstruídas, sendo a História para eles, apenas agora, descortinada.

Este grande impacto dá-se primeiramente pelo fato das grandes mudanças que têm ocorrido na produção do conhecimento histórico durante os últimos séculos. Nossos manuais didáticos ainda preservam de maneira explícita o tipo de história a qual chamamos de tradicional, uma história linear, desvinculada do nosso presente. As famosas permanências e rupturas, por vezes, não têm sido enfatizadas, talvez elas sejam capazes de responder as frequentes perguntas feitas pelos alunos em sala de aula, “professor, para que estudar história?”.

Ao analisarmos o campo da produção historiográfica, sobretudo a partir das contribuições da Nova História, observam-se consideráveis transformações nas maneiras de conceber e escrever o passado. A luz dessas novas interpretações, a História não é mais entendida enquanto um saber fixo, pautado nas metanarrativas, ou até mesmo pronto e acabado, mas sim o objeto histórico é percebido enquanto lugar de questionamento é visto como um monumento. Novos fazeres desta arte se anuncia, nos quais o caráter não natural da trama histórica tem sido cada vez mais enunciado. Conceitos e paradigmas denunciam uma nova maneira de conceber o passado, portanto, também o homem e a teoria revelam novos modos de pensar, correspondentes aos anseios do presente, verdades historicamente construídas são postas a prova.



No entanto, embora tenhamos este amplo quadro de discussões acerca dos modos de ver e conceber a trama histórica, ao partimos para um plano prático ainda nos deparamos com muitos dos preceitos enunciados por uma historiografia que vem sendo superada, no plano teórico-acadêmico, e em muitos dos livros didáticos, logo, posicionamentos de alunos e educadores, nos dão demonstração disso.

Em tais permanências é notória a ação de uma História Positivista e produtivista, sobretudo no que cerne as primeiras series do ensino fundamental, período no qual mesmo que de modo sutil, alguns dos conceitos presentes na historiografia contemporânea, deviriam estar sendo introduzidos na perspectiva histórica ensinada.

Afinal, promover a aproximação dos alunos com uma História de cunho crítico e não naturalizada pelos mitos, constitui fundamental importância para formação do sujeito. Deste modo, o exercício de trazer conceitos históricos, para o dia a dia do aluno não deve apenas ser uma vontade, mas um exercício prático, o qual deve está posto em nossa escrita e oralidade, na fabricação de avaliações e exercícios diários.

É justamente partindo da perspectiva de que a teoria não deve ser dissociada da prática, mas, antes de tudo, esta deve constituir uma relação dialética, de aproximação, para a produção de um saber histórico significativo e, ainda assim, compromissado com os fatos que, em nosso trabalho, optamos por um recorte que teça reflexões, sobre a História de âmbito acadêmico e o Saber Histórico Escolar. Enfatizamos aqui a necessidade de promover articulações entre estas duas áreas, a fim de superar o falso dilema o entre o “ser professor” e o “ser historiador”.

Ainda nesta perspectiva, propomos um segundo momento de escrita com base na aproximação de alunos com fazer histórico, para extirpar concepções simplistas e naturalizadas sobre o caminho de produção histórica, para tanto, fazemos uso do



filme, *Narradores de Javé*, o qual aborda uma série de conceitos para se pensar noções como fonte histórica, como tempo histórico, sujeitos, e memória, assim como, o lugar de quem escreve a história, seu cenário, os interesses envolvidos em sua produção e como estes se encontram diretamente relacionados. O que nos leva a um terceiro eixo de discussão, no qual o filme é posto como um recurso que nos auxilia no trato de conceitos, a possibilitar o diálogo entre o saber historiográfico e o saber histórico do Ensino Fundamental.

### **PROFESSOR X HISTORIADOR (UM FALSO) DILEMA.**

*O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de história temas em problemática. (SCHMIDT, 2002, p.57)*

Embora tenhamos um vasto conjunto de renovações no fazer histórico e que se subtenda que estes vão se refletirem na prática, ainda assim, é preciso "trazer à tona", a preocupação com os modos de fazer o Ensino de História e como estes têm sido operacionalizados. Assim como os elementos que norteiam essa operacionalização, onde geralmente o dito, no campo teórico, costuma ser separado da prática normalmente ensinada, o que constitui um nó para o ensino.

Dentro de tal problemática, do dilema entre teoria e prática, temos nos cursos de História, uma clara representação, dois perfis presentes desde a graduação e postos normalmente enquanto "divergentes", o saber historiográfico e a história para um ensino básico, ou seja, um perfil voltado à pesquisa, o ser Historiador e outro voltado para Ensino, tal dilema tem suas raízes ainda na graduação e diria, que mais do que nunca, necessita ser



rompido, até porque não tem razão para dissociar ambos os exercícios, tanto teórico como prático.

Uma nova noção necessita ser inaugurada, na qual o professor não venha se distanciar do “ser historiador”, e este entenda a função educador como esta que o auxilia na propagação de seu trabalho. Pois, antes de tudo, o professor é aquele que leva às massas os discursos históricos, os legitima ou problematiza. Nesta adoção de outra postura, o professor desprende-se do seu eu, legando ao aluno o lugar de fala, respeita-o enquanto sujeito histórico e promove a interação no processo de ensino. Apresenta ao aluno conceitos, incentiva a pesquisa, claro que respeitando o seu lugar, pois o objetivo não é transformar o aluno em historiador, mas também não tomar o aluno por incapaz, trazer noções históricas, conceitos e problematizações nem que seja de modo sutil.

Afinal de que serve o conhecimento produzido no seio acadêmico, os questionamentos sobre o passado, sobre as rupturas e continuidades, se não para chegar também aos nossos alunos, para auxiliar na construção dos sujeitos? Tais questões nos levam a pensar como temos construído a história e como estamos lidando, principalmente, com tal “poder” sobre o conhecimento, como manipulamos o passado?

Conhecimento é poder e os discursos históricos são dotados de intencionalidade, logo devemos levar essa noção crítica também aos alunos. Na contemporaneidade, o educador necessita tomar mais consciência de seu lugar na sociedade, repensar sua prática também se apoiando nas teorias. Entretanto sem legar para si jaulas que o prendam a uma única visão. O professor historiador deve analisar e usar teorias como ferramentas, avaliá-las com a mesma precisão que o historiador busca em suas fontes, utilizar de múltiplos dispositivos para tornar a história atrativa e não distante do cotidiano do aluno.

Promover sentido ao conhecimento histórico é abandonar o lugar de passividade, é



traçar novos modos de fazer, partindo do presente, para assim, seduzir os educandos. Professor ou historiador é preciso tornar a História viva, promover a interação entre passado e presente, pois "quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, [...] como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer". (PINSKY, 2003, p.28).

## **METODOLOGIA**

Mediante a perspectiva que tanto o professor como o historiador, comumente colocados em lugares opostos, tem semelhanças em suas práticas, sobretudo, no que cerne ao papel de estabelecer conexões, sejam elas, do aluno com os conteúdos, ou dos sujeitos históricos com o passado e deste com o presente, na tessitura de nosso trabalho além de nos apoiarmos nas contribuições teóricas de historiadores como Leandro Karnal (2003), Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007), e os filósofos Silvo Gallo (2013) e Jaime Pinsky (2003), também nos debruçamos sobre a narrativa fílmica, em particular uma produção de Eliana Caffé, que pode muito bem ser incorporada para o Ensino de História, enquanto elemento provocador de discursões críticas de alguns conceitos.

Sabendo da crescente demanda pela incorporação de novos dispositivos que dialoguem com os alunos, os aproximando do que lhes é ensinado, assim como toda a validade de outros meios de leitura, percebemos a utilização deste tipo de linguagem bastante válido para o ensino. Portanto, trazemos aqui algumas considerações acerca do filme, *Narradores de Javé*, da diretora Eliana Caffé, enquanto mais um recurso passível de análise historiográfica, e logo, cabível no fazer em sala aula, desde as primeiras séries do Ensino Fundamental como os 6º e 7º anos, até o 3º ano do Ensino Médio, assim como no âmbito acadêmico.



## **NARRADORES DE JAVÉ: ELEMENTO DE APROXIMAÇÃO DOS ALUNOS COM OS CONCEITOS**

*[...] Acreditamos que é possível, mesmo o professor não tornando um crítico cinematográfico altamente especializado, incorporar o cinema em sala de aula e em projetos escolares, de forma ir muito além do “conteúdo” representando pelo filme. O significado de um texto/filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes em que cada uma só não é suficiente para explicá-lo, porém, todas são necessárias e cada uma só tem significação plena pela relação a todas as outras. (ALMEIDA apod Napolitano, 2008).*

*(...) o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. (GALLO, 2013, p.43).*

Em consonância também com as perspectivas apresentadas pelo historiador Marcos Napolitano, embora *Narradores de Javé* seja qualificado enquanto uma ficção, ainda assim, se torna válido para o ensino, em especial na área de história, por nos possibilitar o levantamento de questões básicas para os alunos, como, por exemplo, o valor da História para sociedade, entre muitos outros conceitos, expostos no filme de modo direto e indireto.

A narrativa do filme é simples e dotada de qualidade, revela-se capaz de atingir as massas, e embora a noção de Nordeste ali apresentada seja uma visão em certa medida “superada”, considerando que a historiografia atual construiu novos discursos e lugares para este, como muito bem demonstra-nos Durval Muniz, em sua obra *A Invenção do Nordeste*. Ainda assim, as potencialidades do filme têm que ser ressaltadas, não apenas para uma discussão em sala, mas também no mundo acadêmico e historiográfico. Através de alguns personagens da narrativa vemos claramente críticas e questões presentes na formulação do



saber histórico.

Na trama, Javé é uma pequena cidade sem importância para as lideranças políticas das demais localidades. Ela está para ser destruída para, em seu lugar, ser construída uma barragem, fruto das pretensões de uma Hidroelétrica. Os moradores de Javé e as suas histórias não tinham, para eles, a menor importância e, por isso, eles estavam para ser desapropriados de suas terras. Eles não possuíam nenhuma documentação legal que comprovasse a relevância da Vila de Javé para a sociedade em geral, pois, a sua história era declamada por via das divisas cantadas, ou seja, seus moradores não tinham nem uma comprovação documental de sua existência a não ser a narração oral. E é justamente em torno dessa problemática, que a história surge na trama enquanto salvadora de Javé, com finalidade de tornar a pequena cidade patrimônio histórico.

Para não serem expulsos de seu lugar, os moradores da cidade tinham que comprovar sua existência, sua natureza história e validade para nação, por intermédio de um “documento oficial”. Buscou-se formular um “Livro da Salvação” da cidade, onde iria ser escrita a história de Javé, exercício que no final não teve utilidade, já que o encarregado desta operação, Antônio Biá<sup>5</sup>, personagem da narrativa e detentor da escrita, alimentado de uma imensa preguiça não escreveu nada das memórias da cidade.

Entretanto, antes disso, cada versão sobre a fundação de Javé foi sendo capturada por Antônio Biá, através da oralidade dos moradores. Em sua particularidade cada uma delas era dotada de uma visão particular que partia da subjetividade de quem a contava, e logo não faziam o mesmo caminho de narrativa, nem tinham documentação material que comprovasse os seus ditos para tornar a cidade escrita na história. Javé era construída a partir da oralidade, o que não foi suficiente para torná-la patrimônio, ao longo de sua operação Biá se depara com várias questões que o impossibilitam de chegar a tão desejada verdade histórica.

---

<sup>5</sup> Personagem inesquecível, interpretado pelo grande ator nacional José Dumont mestre em tornar seus personagens únicos e eternos.



Javé representa dentro de uma perspectiva simbólica muitas outras cidades do Brasil, “sem história”, relegado o esquecimento, nos faz refletir justamente sobre questões simples, mas que comportam também um teor de complexidade, como a já citada pergunta: Para que serve a história e o passado? E melhor, a quem serve? Questões de uma ordem teórica, de uma discussão historiográfica, mas que podem e devem ser levadas aos alunos, através da análise da história do filme. Entretanto, vale salientar que com uma dada sutileza, a fim de não cometer anacronismos, nem descontextualização com o assunto ensinado, promovendo apenas uma aproximação para balançar as estruturas de perspectivas históricas fixas e fechadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sabendo que na atualidade o educador tem que traçar linhas de fuga e estratégias que aproximem o aluno do que lhe é ensinado, o filme possibilita tocar em algumas questões que, por vezes, passam despercebidas, conceitos são tratados de modos simples e descontraídos, logo, quando bem trabalhados, por si só já promovem outro olhar, não apenas sobre Javé, mas também sobre outros fatos. Tomemos, como exemplo, a própria questão da divisão terras, por divisas cantadas, a figura do feminino, a figura do afro decente que durante tanto tempo foram silenciados, elementos presentes na narrativa do filme que expõem essas questões de modo bem humorado, com uma dose crítica, e ao mesmo tempo leve, tal como a história pode ser, de maneira leve, para sim se tornar provocante e despertar a paixão dos alunos.

*Narradores de Javé* promove discussões sobre a questão da verdade histórica, mas também de fonte, de sujeitos e a impossibilidade de chegar a um passado, tal qual como este fora em outros tempos, nos possibilitando pensar a memória como um terreno cortado, de vias diversas, o que nos auxilia no exercício de mostrar para o aluno a História enquanto um campo não natural, mas antes tudo como parte de interesses, de um dado lugar social.



Através da narrativa fílmica, somos levados a outros contornos da prática, os quais não sejam podados e determinados unicamente pelo livro didático, que por sua vez assume também importância, entretanto, não constitui em si verdade absoluta dos fatos. Deste modo, o filme pode e deve ser visto como um dispositivo que possibilita ampliar os conhecimentos, que instiga a pesquisa e leva a questionamentos, vale assim também lembrar que este deve, antes de tudo, ser posto em consonância com o assunto explanado, também trabalhando os discursos imagéticos e do campo do dito, pronunciados ao longo da narrativa.

Ao suscitar novos olhares sobre a História e sobre a sala de aula, enquanto um espaço dotado de movimento que pode também tocar os sentidos, a utilização deste dispositivo ganha relevância para os educandos, promovendo novos contornos ao saber ensinado, através da aplicação do filme nota-se uma identificação dos alunos com os sujeitos ali apresentados, através desta interação se dá o saber.

## **CONCLUSÕES**

Ampliaram-se as fontes, os fatos e os acontecimentos, e assim como o fazer histórico é mutável, o exercício pedagógico também é, logo, a renovação do Ensino de História deve ser sempre discutida, a fim de encontrarmos novas saídas, modos de fazer, que suscitem interesses nos educandos, suprimindo a necessidade de tornar a História “viva”, próxima do aluno e não apenas o estudo de passado, lugar o qual durante tanto tempo lhe fora relegado. Saber que a história também é presente se manifesta em nosso dia a dia, é isso que deve ser posto para o aluno, para que este desenvolva não apenas a compreensão dos fatos históricos, mas também uma consciência de si enquanto sujeito histórico, dotado de particularidade, de experiências e memórias, narrador de si e do outro.

E, logo, tal exercício não se faz apenas por uma única via, (a do livro didático), mas também por novos dispositivos, os quais não se restringem aos filmes, mas também abrangem



outros mecanismos que podem e devem ser incorporados ao exercício em sala de aula. Entretanto, tal mudança, deve também apoiar-se, sobretudo, na construção de novos discursos, na adoção de outras posturas e lugares por parte do professor, que não pode ser aquele que introjeta o conhecimento no aluno, mas antes de tudo o orienta.

Mediante essas e outras questões aqui expostas, podemos concluir que a História também tem um compromisso com o presente. Decorrente desse pensamento, de análises das práticas educacionais e dos discursos em torno da educação, compreendemos que já tivemos muitos avanços. Professores hoje abordam em sala questões contemporâneas, cotidianas, políticas e até mesmo teóricas, todas as abordagens são possíveis a depender da didática do professor e de como ele transmite os conteúdos aos alunos cada qual com seu nível de conhecimento e aprendizagem do Ensino Fundamental ao Médio. Entretanto, muito ainda deve ser feito e, logo, o conciliar entre teoria e prática é parte deste desafio.

Na educação, do tempo presente não basta ao professor questionar ou apoderar-se de discursos alheios ou de influências midiáticas. Para uma boa prática é inquestionável que o professor tenha, antes de qualquer coisa, leitura teórica, vontade política e criatividade didática, a fim de travar pequenas batalhas e revoluções nos modos de ensinar de seu micro espaço que é a sala de aula.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado (cap.2). In.:\_\_\_\_\_ **Historia: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Bauru: Edusc,2007, p.53-64.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



KARNAL, L. (Org.) **História na Sala de Aula: conceito, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. Contexto, 2003.

PINSKY, J. (Org.) **O ensino de História e a criação do fato**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KARNAL, L. (Org.) **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-36.

SCHIMIDT, M. A. A Formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula. In. BITTENCOURT (Org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 54-66.

#### **Narrativa fílmica:**

**NARRADORES DE JAVÉ**, Eliana Caffé (direção). Brasil, Lumiere/vídeosfilmes, 2003, 102 minutos, sonoro/colorido.